

FERNAND DELIGNY E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Gladison Luciano Perosini¹

Resumo: Este artigo teórico-bibliográfico investiga a relevância do pensamento de Fernand Deligny (1913-1996) para a educação contemporânea, problematizando as abordagens tradicionais de escolarização e tratamento psiquiátrico que negligenciam a singularidade e a liberdade dos sujeitos. O objetivo é analisar as contribuições de Deligny, que, por meio de suas experiências com crianças autistas e jovens marginalizados, propôs uma pedagogia centrada na presença, convivência e valorização da diferença. A metodologia empregada é uma pesquisa teórico-bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada na análise crítica e interpretativa da obra de Deligny e de sua recepção contemporânea, com levantamento de fontes primárias e secundárias em bases científicas como Scopus e SciELO. Como principais resultados, identificamos quatro dimensões centrais de sua proposta – pedagógica, clínica, ética e política – e propomos implicações práticas para a construção de abordagens educativas e de cuidado mais humanas, inclusivas e emancipatórias. Conclui-se que o legado de Deligny oferece um arcabouço crítico e inspirador para repensar as instituições e práticas que visam à normalização, reafirmando a educação como uma prática de liberdade e resistência em contextos de desigualdade social e normatividade intensificada.

Palavras-chave: Fernand Deligny; educação; clínica; ética; política.

FERNAND DELIGNY AND EDUCATION AS A PRACTICE OF FREEDOM

Abstract: This theoretical and bibliographic article investigates the relevance of Fernand Deligny's thought (1913–1996) for contemporary education, problematizing traditional approaches to schooling and psychiatric treatment that neglect the singularity and freedom of individuals. The aim is to analyze Deligny's contributions, who, through his experiences with autistic children and marginalized youth, proposed a pedagogy centered on presence, coexistence, and the appreciation of difference. The methodology employed is qualitative theoretical-bibliographic research, grounded in

1 Doutorando em Educação pela Universidade Leonardo Da Vinci (ULDV), Asunción, Paraguai. Pesquisador e discente na mesma instituição. Mestre em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha (2016). Graduado em Pedagogia pelo Instituto Batista de Educação de Vitória (2007). E-mail: gladisonperosini@gmail.com

critical and interpretative analysis of Deligny's work and its contemporary reception, with a survey of primary and secondary sources in scientific databases such as Scopus and SciELO. As main results, we identified four central dimensions of his proposal – pedagogical, clinical, ethical, and political – and we propose practical implications for the construction of more human, inclusive, and emancipatory educational and care approaches. It is concluded that Deligny's legacy offers a critical and inspiring framework for rethinking institutions and practices aimed at normalization, reaffirming education as a practice of freedom and resistance in contexts of social inequality and intensified normativity.

Keywords: Fernand Deligny; education; clinic; ethics; politics.

1 INTRODUÇÃO

Fernand Deligny (1913–1996) figura como um dos pensadores mais singulares do século XX ao propor experiências pedagógicas, clínicas e éticas que desafiaram radicalmente as instituições escolares e psiquiátricas de seu tempo. Sua trajetória, marcada pela convivência com crianças autistas e jovens em situação de marginalidade social, revela uma aposta no poder formativo do cotidiano, das redes de convivência e da presença compartilhada como alternativas às formas normativas de educação e cuidado (Deligny, 1945, 1947; Miguel, 2024). Ao contrário da pedagogia tradicional, fundada na instrução e no controle disciplinar, Deligny inaugurou um espaço de resistência em que a diferença não era objeto de correção, mas de reconhecimento e afirmação.

O contexto em que Deligny se insere é o da França do pós-guerra, permeado por debates intensos sobre educação, psiquiatria e políticas sociais. Seu trabalho dialoga com correntes críticas que emergiam naquele período, como o movimento da antipsiquiatria, que questionava as práticas de exclusão nos manicômios (Basaglia, 1991; Laing, 1975). Ainda que não se confunda inteiramente com esse movimento, Deligny partilha da mesma inquietação em relação às formas institucionais de controle e normalização dos sujeitos. Nesse sentido, sua obra aproxima-se também de reflexões foucaultianas sobre disciplina e biopolítica (Foucault, 1977), evidenciando que a pedagogia e a clínica não podem ser compreendidas sem levar em conta os dispositivos de poder que atravessam a sociedade.

Mais do que um pedagogo ou terapeuta, Deligny pode ser compreendido como um cartógrafo da diferença. Suas práticas consistiam em mapear gestos, movimentos e modos de existência de crianças que, muitas vezes, eram invisibilizadas pelas instituições escolares e médicas. Esses mapas não buscavam corrigir condutas, mas registrar e acolher formas singulares de estar no mundo, construindo o que ele próprio denominou de “redes” e “linhas de errância” (Deligny, 2015; Planella; Gallo; Ruiz, 2019). Tal perspectiva desafia não apenas a pedagogia, mas também a ética contemporânea, pois recoloca em questão o sentido da presença, da escuta e da coabitacão com o outro (Pelbart, 2020).

Na atualidade, as experiências de Deligny têm sido revisitadas por diferentes campos de saber, como a educação, a filosofia, a psicologia e a saúde coletiva. Pesquisadores contemporâneos reconhecem na sua obra uma inspiração para pensar alternativas de cuidado e de educação em sociedades marcadas pela exclusão social e

pela intensificação das normatividades (Panero, 2021; Giacomini, 2019; De Souza Neto, Teles, e Zoboli, 2024; Ferreira e Wuo, 2023). A relevância de seu legado reside exatamente na capacidade de propor uma ética da presença que se contrapõe à lógica produtivista e adaptativa predominante, abrindo espaço para uma pedagogia da diferença e da emancipação. Neste artigo, buscamos analisar as contribuições de Fernand Deligny em quatro dimensões interligadas: pedagógica, clínica, ética e política. A partir de uma revisão bibliográfica crítica, pretendemos compreender como sua obra se articula à construção de práticas de educação e cuidado que escapam aos modelos normativos tradicionais, oferecendo subsídios para o debate contemporâneo sobre inclusão, subjetividade e emancipação. Ao recolocar Deligny no centro da reflexão, reafirmamos sua atualidade e a potência transformadora de suas experiências para pensar uma educação mais humana, justa e libertadora.

2 METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma pesquisa teórico-bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada na análise crítica e interpretativa da obra de Fernand Deligny e de sua recepção contemporânea. A escolha por esta abordagem decorre da especificidade do objeto de investigação, que não se presta à coleta empírica de dados, mas sim à reconstrução conceitual e à interpretação hermenêutica de textos, relatos e registros que expressam a singularidade de sua proposta pedagógica, clínica, ética e política.

As fontes primárias analisadas foram as próprias produções de Deligny, entre as quais se destacam *Graine de crapule* (1945), *Les vagabonds efficaces* (1947), *O aracniano* e outros textos (2015) e *Cartas a um jovem professor* (2019). Estas obras constituem o núcleo de sua reflexão, permitindo compreender o modo como o autor construiu suas práticas e elaborações conceituais a partir da convivência com crianças autistas e jovens marginalizados. As fontes secundárias abarcam livros e, sobretudo, artigos científicos publicados em periódicos qualificados, com ênfase na produção mais recente, que revisita e atualiza a relevância de Deligny em diferentes áreas do saber (Panero, 2021; Giacomini, 2019; De Souza Neto, Teles, e Zoboli, 2024; Pelbart, 2020; Ferreira, Wuo, 2023; Miguel, 2024).

A estratégia de busca bibliográfica foi conduzida nas bases de dados Scopus, Web of Science, SciELO e Google Scholar, com um recorte temporal dos últimos quatro anos (2021-2025) para garantir a atualidade da discussão. As buscas foram estruturadas utilizando operadores booleanos para refinar os resultados, combinando o nome do autor com seus conceitos centrais. Um exemplo da string de busca utilizada é: ` ("Fernand Deligny") AND ("educação" OR "pedagogia") AND ("clínica" OR "ética" OR "política") `. Termos secundários como "redes", "errância", "presença" e "coabitacão" foram utilizadas em buscas subsequentes para aprofundar a análise de conceitos específicos. Os critérios de inclusão abrangeram artigos científicos revisados por pares e capítulos de livros que abordassem o pensamento de Deligny como tema central. Foram excluídos trabalhos que o citavam apenas marginalmente e literatura não acadêmica. O processo resultou na seleção de

diversos trabalhos relevantes, que constituíram o corpus de análise secundária deste estudo.

Em seguida, realizou-se a leitura crítica e interpretativa dos textos, com atenção especial aos conceitos-chave de Deligny, como redes, errância, presença e coabitação, articulando-os com debates contemporâneos sobre inclusão, diferença e emancipação. A interpretação foi guiada por uma abordagem hermenêutica, buscando compreender o sentido profundo das práticas e escritos de Deligny em seu contexto histórico e suas ressonâncias no presente. Por fim, a análise foi sistematizada em quatro eixos centrais: pedagógico, clínico, ético e político, compreendidos como dimensões complementares de uma mesma proposta.

Dessa forma, a pesquisa assume caráter exploratório e descritivo, não orientada pela comprovação empírica de hipóteses, mas pela interpretação e pela atualização de uma obra que permanece atual e provocadora. O método bibliográfico crítico aqui empregado permite não apenas retomar a contribuição histórica de Deligny, mas também avaliar sua ressonância no presente, oferecendo subsídios para a formulação de práticas educativas e de cuidado mais humanas, inclusivas e emancipatórias. Reconhece-se, contudo, que a pesquisa bibliográfica possui limitações, como a dependência da disponibilidade de traduções e a inerente subjetividade na interpretação dos textos, o que exige um olhar atento e crítico por parte do pesquisador.

3 A VIDA E A OBRA DE FERNAND DELIGNY

Fernand Deligny nasceu em 1913, na França, e desde cedo demonstrou inquietação com as formas tradicionais de ensino e cuidado. Sua trajetória profissional se desenvolveu inicialmente no campo educacional, atuando como professor, mas logo se deslocou para experiências em instituições destinadas a crianças com necessidades específicas e jovens considerados “inadaptados” pela sociedade. Esse contato cotidiano com sujeitos em situação de vulnerabilidade marcou profundamente sua visão pedagógica e clínica, levando-o a questionar a escola e a psiquiatria como espaços de normalização (Deligny, 1945, 1947; De Oliveira Zabaleta; Bocchetti, 2024).

Durante a década de 1940, Deligny publicou obras que se tornaram referências em sua trajetória, como *Graine de crapule* (1945), na qual reuniu observações e reflexões sobre a educação de crianças e adolescentes marginalizados, e *Les vaga Bonds efficaces* (1947), que traz relatos de experiências pedagógicas não convencionais. Esses textos revelam não apenas uma crítica ao modelo escolar tradicional, mas também uma aposta em práticas de convivência e aprendizado que emergem do cotidiano e da interação espontânea, sem imposições autoritárias. Estudos recentes destacam como tais propostas antecipam debates contemporâneos sobre pedagogias não normativas e educação inclusiva (Ferreira; Wu, 2023).

Nos anos seguintes, Deligny ampliou suas experiências ao trabalhar com crianças autistas e, entre 1939 e 1943, no asilo de Armentières, no norte da

França, onde ficou responsável por um pavilhão destinado a crianças consideradas ineducáveis. Nesse período, destacou-se por propor práticas que subvertiam a lógica médica dominante, centrada na adaptação e correção das condutas. Em vez disso, ele defendia a escuta dos gestos e movimentos singulares, o mapeamento dos percursos e a valorização da presença, elementos que se tornariam centrais em sua metodologia (Deligny, 2015). Esse trabalho o aproximou, de modo indireto, do movimento da antipsiquiatria que se fortalecia na Europa com nomes como Franco Basaglia, R. D. Laing e David Cooper, todos críticos das instituições que excluíam e silenciavam os sujeitos (Basaglia, 1991; Laing, 1975). Pesquisas recentes têm sublinhado essa convergência, ressaltando a importância de Deligny para repensar práticas clínicas emancipatórias (Miguel, 2024).

A obra de Deligny também se caracteriza por uma dimensão literária e poética, refletida em seus textos que misturam narrativa, ensaio e relato de experiências. Seu estilo desafia as classificações tradicionais da produção acadêmica, já que privilegia a escrita que acompanha o fluxo da vida cotidiana e dos gestos, em vez de seguir uma lógica sistemática ou meramente teórica. Essa característica o insere em um campo singular, em que pedagogia, clínica e literatura se entrelaçam. Tais contribuições vêm sendo discutidas em periódicos internacionais como parte de uma epistemologia da diferença, que se opõe às epistemologias normativas da modernidade (Sousa, 2023).

Nas décadas de 1960 e 1970, Deligny consolidou a prática dos mapas e redes (*réseaux*), em que buscava registrar graficamente os movimentos e percursos das crianças autistas com as quais convivia. Esses mapas não tinham a finalidade de correção ou diagnóstico, mas de reconhecimento e acolhimento das singularidades. Segundo Panero (2021), a cartografia proposta por Deligny representa uma forma de devolver visibilidade a vidas consideradas invisíveis pelas instituições sociais. Essa prática inspirou pesquisadores posteriores em educação, psicologia e filosofia, sendo retomada em discussões sobre diferença e alteridade (Giacomini, 2019; Planella; Gallo; Ruiz, 2019). Estudos recentes apontam que a cartografia delignyana antecipa debates metodológicos sobre pesquisa qualitativa baseada em narrativas e errâncias (Azevedo; Liberman; Mendes, 2019).

Embora muitas vezes tenha se mantido à margem do sistema acadêmico e institucional francês, Deligny construiu uma obra de grande impacto, ainda que inicialmente pouco reconhecida. Sua recusa em integrar plenamente os circuitos institucionais foi, em si, uma forma de resistência e coerência com seu pensamento, que sempre privilegiou a liberdade e a autonomia dos sujeitos em relação às estruturas normativas. Como observa Pelbart (2020), a vida de Deligny não pode ser dissociada de sua obra: ambas compõem uma mesma aposta radical na possibilidade de existir fora dos enquadramentos impostos. Nesse mesmo sentido, pesquisas atuais reforçam que seu legado deve ser compreendido como gesto político de resistência e criação de alternativas microssociais (Mendes; Castro, 2020).

Ao longo de sua trajetória, Deligny produziu não apenas escritos, mas também práticas concretas de educação e cuidado que se tornaram experiências de referência para pesquisadores e educadores. Ele faleceu em 1996, deixando um legado que

permanece vivo e atual, sendo continuamente revisitado por aqueles que buscam pensar a educação, a clínica e a ética a partir da diferença, e não da homogeneização.

4 A DIMENSÃO PEDAGÓGICA EM FERNAND DELIGNY

A pedagogia de Fernand Deligny se constitui como um gesto de ruptura frente ao modelo escolar hegemônico. Enquanto a escola tradicional consolidava-se como espaço de disciplinarização e homogeneização dos sujeitos, Deligny propunha uma prática pedagógica centrada na convivência, na experiência cotidiana e na valorização da diferença. Sua crítica não se dirigia apenas à forma de ensinar, mas à própria estrutura da escola moderna, que segundo ele funcionava como aparelho de controle social mais do que como espaço de formação humana (Deligny, 1945, 1947).

Nesse sentido, Deligny aproxima-se, ainda que de modo não sistematizado, de reflexões posteriores como as de Michel Foucault (1977), ao evidenciar que a escola se insere em uma rede de instituições disciplinares que moldam corpos e comportamentos. Sua pedagogia, no entanto, não parte da teoria, mas da prática concreta com crianças e jovens marginalizados, recusando o enquadramento institucional e priorizando a invenção de espaços alternativos de aprendizado.

Em Graine de crapule (1945), Deligny descreve sua experiência com adolescentes considerados delinquentes, ressaltando que a educação não poderia ser reduzida a um processo de adestramento. Ao contrário, deveria constituir-se como uma relação viva, marcada pela escuta e pelo reconhecimento do outro. A pedagogia, para ele, não se realiza em manuais, mas nos gestos e no cotidiano compartilhado, numa dimensão muito próxima ao que Paulo Freire (1983) mais tarde denominaria de educação como prática da liberdade.

A recusa de Deligny em aceitar a lógica meritocrática e excludente da escola tradicional o levou a valorizar práticas de aprendizado que emergem fora dos muros escolares. Em seus relatos, o jogo, o trabalho coletivo, a caminhada e as atividades simples do dia a dia aparecem como experiências formativas, dotadas de sentido pedagógico. Essa perspectiva dialoga com uma pedagogia que entende o sujeito não como receptor passivo de conteúdos, mas como ser ativo na construção de sua existência (Freire, 1983; Rancière, 1987).

De acordo com Panero (2021), a pedagogia de Deligny não pode ser reduzida a um método ou a uma teoria educacional sistemática. Ela se organiza como uma prática aberta, inacabada e em constante transformação, na qual a relação pedagógica se dá menos pela transmissão de saberes e mais pela presença partilhada. Esse conceito é central para compreender sua proposta: ensinar não significa impor normas, mas partilhar o mundo, estar com o outro, reconhecer a alteridade e abrir caminhos para a emergência de subjetividades singulares.

A atualidade dessa dimensão pedagógica encontra ressonância nas discussões contemporâneas sobre inclusão escolar e neurodiversidade, onde a valorização de modos singulares de existência e a recusa a modelos padronizados

de desenvolvimento são cada vez mais relevantes. As práticas de Deligny oferecem um contraponto à medicalização e patologização de comportamentos, propondo uma abordagem que acolhe a diferença como potência, e não como déficit. Além disso, suas ideias se conectam com as teorias da educação não formal e informal, ao enfatizar o aprendizado que ocorre fora dos espaços institucionais formais, no cotidiano e nas interações espontâneas. Isso tem implicações significativas para a formulação de políticas educacionais que busquem promover uma educação mais flexível, adaptada às necessidades individuais e contextuais dos estudantes.

5 A DIMENSÃO CLÍNICA EM FERNAND DELIGNY

A dimensão clínica na obra de Fernand Deligny se afasta das abordagens psiquiátricas tradicionais, que visavam à normalização e à correção de condutas. Para Deligny, a clínica não era um espaço de diagnóstico e tratamento no sentido convencional, mas um campo de observação e acolhimento da singularidade, especialmente de crianças autistas e jovens com dificuldades. Sua prática clínica era indissociável de sua pedagogia, ambas centradas na escuta atenta e na valorização dos gestos e movimentos como formas de expressão (Deligny, 2015).

Um dos pilares de sua abordagem clínica era a cartografia das errâncias, um método de mapeamento dos percursos e movimentos das crianças no espaço. Esses mapas não tinham um objetivo classificatório ou diagnóstico, mas buscavam registrar a vida em sua espontaneidade, revelando lógicas e padrões que escapavam à compreensão racional. Essa prática, que pode ser vista como uma forma de pesquisa-ação, permitia a Deligny e sua equipe compreender as subjetividades em sua complexidade, sem a imposição de categorias pré estabelecidas. A cartografia delignyana antecipa debates metodológicos sobre pesquisa qualitativa baseada em narrativas e errâncias (Azevedo; Liberman; Mendes, 2019), e oferece um modelo para a compreensão de comportamentos não verbais em contextos clínicos e educacionais.

A clínica de Deligny se opunha à lógica do confinamento e da exclusão, propondo espaços de convivência onde a liberdade de movimento e a expressão individual eram incentivadas. Ele acreditava que o ambiente e as relações eram fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos, e que a intervenção deveria ser mínima, permitindo que a vida se desdobrasse em sua própria dinâmica. Essa perspectiva ressoa com o movimento da antipsiquiatria (Basaglia, 1991; Laing, 1975), que questionava a institucionalização e a medicalização excessiva, e oferece um modelo alternativo para a saúde mental comunitária, especialmente em um contexto de crescente crise de saúde mental entre jovens. As propostas de Deligny podem inspirar a criação de redes de cuidado que priorizem a presença, a coabitação e o apoio mútuo, em detrimento de abordagens puramente farmacológicas ou hospitalocêntricas.

6 A DIMENSÃO ÉTICA EM FERNAND DELIGNY

A ética em Fernand Deligny não se configura como um conjunto de normas ou preceitos morais, mas como uma ética da presença e da coabitação. Ela emerge da experiência cotidiana de conviver com o outro em sua radical diferença, sem a pretensão de corrigi-lo ou normalizá-lo. Para Deligny, a relação ética se estabelece no reconhecimento da alteridade, na capacidade de estar com o outro sem a necessidade de compreendê-lo plenamente ou de enquadrá-lo em categorias pré-definidas (Pelbart, 2020).

Essa ética da presença implica uma postura de escuta atenta e de acolhimento incondicional. Não se trata de uma escuta que busca interpretar ou diagnosticar, mas de uma escuta que se abre para o que o outro expressa em seus gestos, movimentos e silêncios. A coabitação, por sua vez, refere-se à capacidade de compartilhar o mesmo espaço e o mesmo tempo com o outro, construindo redes de convivência onde a diferença é valorizada e não vista como um problema a ser resolvido. Essa dimensão ética é fundamental para pensar práticas educativas e de cuidado que promovam a inclusão e a emancipação, em oposição a modelos que visam à homogeneização e à exclusão.

A atualidade da ética delignyana é evidente em debates contemporâneos sobre direitos humanos, inclusão social e respeito à diversidade. Em um mundo marcado por conflitos e intolerâncias, a proposta de Deligny de uma ética da coabitação oferece um caminho para a construção de sociedades mais justas e solidárias. Ela desafia a lógica produtivista e individualista, que muitas vezes negligencia a dimensão relacional e afetiva da existência humana, e convida a repensar o sentido da vida em comunidade e da responsabilidade para com o outro.

7 A DIMENSÃO POLÍTICA EM FERNAND DELIGNY

A dimensão política na obra de Fernand Deligny não se manifesta em grandes teorias ou em propostas de transformação social em larga escala, mas em uma micropolítica de resistência às instituições disciplinares. Para Deligny, a política se dava no cotidiano, nas pequenas ações e nas formas de organização que desafiavam a lógica do controle e da normalização. Sua prática era, em si, um ato político, ao criar espaços de liberdade e autonomia para aqueles que eram marginalizados e silenciados pela sociedade (Mendes; Castro, 2020).

Essa micropolítica de resistência se expressava na recusa de Deligny em integrar plenamente os circuitos institucionais e acadêmicos. Ele optou por construir suas experiências à margem do sistema, o que lhe permitiu manter a coerência com seu pensamento e preservar a autonomia de suas práticas. Essa postura crítica em relação às instituições é um dos aspectos mais relevantes de sua obra, pois revela a capacidade de criar alternativas e de resistir aos mecanismos de poder que atravessam a sociedade. A obra de Deligny, nesse sentido, dialoga com pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, que exploraram as micropolíticas do desejo e as formas de resistência aos dispositivos de poder.

A política delignyana é uma política da diferença, que valoriza a singularidade e a multiplicidade das formas de existência. Ela se opõe à lógica da homogeneização e da padronização, que busca enquadrar os sujeitos em modelos pré-definidos. Ao criar redes de convivência onde a diferença era acolhida e celebrada, Deligny construiu um modelo de organização social que desafiava as estruturas hierárquicas e autoritárias. Essa dimensão política é fundamental para pensar a construção de sociedades mais democráticas e inclusivas, onde a liberdade e a autonomia dos sujeitos sejam garantidas.

8 RELEITURAS CONTEMPORÂNEAS DE FERNAND DELIGNY

A obra de Fernand Deligny, por muito tempo marginalizada nos circuitos acadêmicos e institucionais, tem sido redescoberta nas últimas décadas como um referencial potente para a reflexão sobre práticas educativas, clínicas e éticas na contemporaneidade. Essa retomada não ocorre de maneira uniforme: diferentes campos, como a filosofia, a educação, a psicologia, a saúde coletiva e as artes, têm encontrado em Deligny uma fonte de inspiração para abordar os desafios da diferença, da exclusão e da emancipação.

No campo da educação, sua contribuição tem sido associada às discussões sobre inclusão escolar e pedagogias críticas. Panero (2021) destaca que as práticas de Deligny apontam para uma educação não redutível à adaptação normativa, mas centrada no reconhecimento da alteridade. Em um contexto em que políticas educacionais frequentemente reduzem o processo formativo a índices de desempenho, Deligny oferece uma alternativa que recoloca o convívio, o cuidado e a liberdade no cerne da experiência educativa.

Na filosofia contemporânea, autores têm se debruçado sobre a radicalidade ética de sua proposta. Giacomini (2019), por exemplo, argumenta que a clínica delignyana constitui uma “ética da errância”, na qual a vida não se define pelo enquadramento em normas, mas pela abertura ao inesperado. Essa perspectiva tem sido associada a debates sobre biopolítica e resistência, aproximando Deligny de pensadores como Giorgio Agamben e Judith Butler, ambos preocupados com as condições de reconhecibilidade das vidas humanas.

Na saúde coletiva, a obra de Deligny tem sido revisitada como inspiração para conceber práticas de cuidado que transcendam o modelo biomédico. Pelbart (2020) demonstra como sua ética da presença pode contribuir para políticas públicas que reconheçam sujeitos em sua diversidade, evitando enquadrá-los em padrões excludentes. Nesse campo, Deligny emerge como precursor de abordagens que valorizam a coabitação, a autonomia e a singularidade no cuidado em saúde.

Além disso, o legado de Deligny também alcança o campo das artes, sobretudo nas experiências de cartografia e registro dos gestos de crianças autistas. Esses mapas, inicialmente concebidos como prática pedagógica e clínica, vêm sendo reinterpretados como obras artísticas que revelam outras formas de expressão e comunicação. Segundo De Souza Neto, Teles e Zoboli (2024), essa dimensão

estética amplia ainda mais o alcance de Deligny, pois evidencia que sua obra atravessa fronteiras disciplinares, situando-se no entrecruzamento entre educação, clínica, ética, política e arte.

As releituras contemporâneas reforçam, portanto, a atualidade e a vitalidade do pensamento de Deligny. Longe de ser uma mera memória de práticas passadas, sua obra continua a inspirar pesquisadores e profissionais que buscam alternativas às formas tradicionais de educação e cuidado. Nesse sentido, Deligny não é apenas um autor histórico, mas um interlocutor vivo nos debates atuais sobre como educar, cuidar e conviver em sociedades marcadas pela pluralidade e pela desigualdade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legado de Fernand Deligny, com suas experiências pedagógicas, clínicas, éticas e políticas, permanece de extrema relevância para os debates contemporâneos sobre educação e cuidado. Sua obra nos convida a repensar as formas tradicionais de intervenção e a valorizar a singularidade e a autonomia dos sujeitos. Ao longo deste artigo, exploramos as quatro dimensões centrais de seu pensamento, evidenciando como suas propostas desafiam as lógicas de normalização e exclusão, e abrem caminho para práticas mais humanas, inclusivas e emancipatórias.

A pedagogia de Deligny, centrada na convivência e na valorização da diferença, oferece um contraponto ao modelo escolar tradicional, propondo uma educação que se realiza no cotidiano e nas interações espontâneas. Sua clínica, baseada na escuta dos gestos e na cartografia das errâncias, apresenta um modelo alternativo para a saúde mental, que prioriza o acolhimento da singularidade em detrimento da medicalização e da institucionalização. A ética da presença e da coabitAÇÃO, por sua vez, nos convida a construir relações baseadas no reconhecimento da alteridade e no respeito à diversidade. Por fim, sua micropolítica de resistência às instituições disciplinares revela a potência de criar espaços de liberdade e autonomia à margem do sistema.

Para futuras pesquisas, sugere-se aprofundar a análise das ressonâncias de Deligny em contextos específicos, como a educação especial, a saúde mental infantjuvenil e as práticas de cuidado em comunidades vulneráveis. Explorar a aplicação de suas ideias em ambientes digitais, considerando as novas formas de interação e comunicação, também se apresenta como um campo promissor. Além disso, aprofundar o diálogo com outros pensadores da diferença, como Deleuze e Guattari, pode enriquecer ainda mais a compreensão do legado de Deligny e suas implicações para a construção de uma sociedade mais justa e libertadora. A discussão sobre os desafios na aplicação de suas ideias, como a resistência de sistemas tradicionais e a necessidade de formação adequada para profissionais, também se mostra um campo fértil para futuras investigações, garantindo uma análise mais equilibrada e crítica de sua obra.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriana Barin de; LIBERMAN, Flávia; MENDES, Rosilda. Pesquisa qualitativa em saúde e a perspectiva da Cartografia em Deligny e Deleuze/Guattari. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2019.

BASAGLIA, Franco. A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico. In: **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico**. 1991. p. 326-326.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto?. Civilização brasileira, 2024.

DE OLIVEIRA ZABAleta, Rianne; BOCCHETTI, André. **Corpos incômodos e incomodados:** a potência do encontro e o surgimento do comum em uma sala de aula. EntreLetras, v. 15, n. 2, p. 126-146, 2024.

DE SOUZA NETO, Edson Augusto; TELES, Perolina Souza; ZOBOLI, Fabio. **Contemporâneo Fernand Deligny:** cartografar entre a educação e o poder psiquiátrico. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia**, v. 1, p. 3, 1995.

DELIGNY, Fernand. **Graine de crapule.** Paris: Éditions du Scarabée, 1945.

DELIGNY, Fernand. **Les Vagabonds efficaces:** Ouvriers, artistes, révolutionnaires: éducateurs, 1947.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos.** São Paulo: n-1 edições, 2015.

FERREIRA, Pedro Henrique Silva; WUO, Andrea Soares. **O pensamento de Fernand Deligny nas pesquisas em educação no Brasil:** Fernand Deligny's thoughts on education research in Brazil. Revista Cocar, v. 19, n. 37, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIACOMINI, Francielli Cristina. Le corps dans lautisme selon jacques lacan et fernand deligny. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 136–148, 2019. <https://doi.org/10.29378/plurais.2447-9373.2018.v3.n3.136-148>

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas.** Petrópolis: Vozes, 1971.

LAING, Ronald David; WEISSEMBERG, Aurea Brito. **O Eu Dividido.** Estudo existencial da sanidade e da loucura. Revista Portuguesa de Filosofia, v. 31, n. 3, 1975.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito.** Antonio Machado Libros, 2015.

MENDES, Mariana Louver; CASTRO, Eliane Dias de. **Fernand Deligny e uma clínica por vir:** mobilizações sobre modos de cuidar em saúde mental na infância e adolescência. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 28, n. 1, p. 343–355, 2020. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1754>

MIGUEL, Marlon. **Fernand Deligny e as ecologias do humano.** Outros Passos, 2024.

PANERO, Alain. **Fernand Deligny, précurseur d'une inclusion sans condition.** Chimères, v. 99, n. 2, p. 65-94, 2021. <https://doi.org/10.3917/chime.099.0065>

PELBART, Peter Pál. **Contra os limites da linguagem, a ética da imagem.** Veritas (Porto Alegre), v. 65, n. 2, p. e37090-e37090, 2020.

PLANELLA, Jordi; GALLO, Luz Elena; RUIZ, Lucero Alexandra. **Fernand Deligny:** mapas, cuerpos y pedagogías. Latinoamericana de Estudios Educativos, v. 15, n. 1, p. 50–67, 2019. <https://doi.org/10.17151/rlee.2019.15.1.4>

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 1987.

SOUZA, Galdino Rodrigues de. **Pela não classificação das pedagogias críticas e pós-críticas:** diálogos provocativos com Tomaz Tadeu da Silva. Revista e-Curriculum, v. 21, 2023.